

O rumo do dinheiro

GAZETA MERCANTIL 10 JAN 1980

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

A 64 dias da posse do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, o mercado financeiro não revela a tranquilidade que poderia ser esperada para este momento. Nos últimos dias, foi abortada uma forte especulação sobre a possibilidade do calote da dívida interna.

Os ativos financeiros indexados à moeda americana acusam esforço para conseguir valorizar a ponto de garantir um pequeno ganho real ao investidor. Ontem, as instituições que operam no mercado aberto viabilizaram uma nova venda primária de NCz\$ 28 bilhões de Letras Financeiras do Tesouro (LFT), ampliando a demanda e invertendo a tendência de alta da taxa de rentabilidade.

Embora tenso, o mercado procura manter a calma e refletir sobre as medidas que poderão ser deflagradas imediatamente pela nova equipe econômica, em busca da estabilização dos preços. Um pacote de

medidas não é apenas esperado, mas considerado inevitável há muitos meses.

O consenso de que a convivência com a inflação próxima a 2.000% ao ano não pode ser prorrogada começa a estimular grandes investidores a procurar alternativas para a aplicação de recursos, divorciadas do indexador oficial, o BTN fiscal. Nos últimos dias cresceu a oferta de moeda para a compra de títulos privados atrelados ao IGP-M, por exemplo. Ontem, havia oferta de dinheiro a 33% ao ano acima desse índice para a compra de papéis por 181 dias.

A confiança no índice coletado pela Fundação Getúlio Vargas, somada à credibilidade do órgão que nunca deixou de divulgar seus índices originais, independente das mudanças observadas no cálculo da inflação oficial e, por tabela, da correção monetária, permite que o prêmio adicionado à parcela dos juros dos títulos bancários, por exemplo, seja muito menor.

Enquanto o CDI indexado ao IGP-M pagava remuneração real de 2,4% ao mês, ontem, o CDI indexado ao BTN garantia margem real de 9,3%.

O remanejamento discreto e lento de recursos dentro do mercado — voltando-se inclusive para os ativos conservadores — revela a disposição dos agentes econômicos em assegurar o ritmo dos negócios neste ano, independente do impacto do ajuste desencadeado pela nova equipe econômica e, ainda, a cautela do mercado em não ser apanhado no contrapé no momento em que a eco-

nomia passar a ser administrada sob nova ordem.

Existe uma nítida preocupação dos investidores em dosar com equilíbrio a distribuição de recursos em cada segmento do mercado financeiro. Ontem, por exemplo, o volume de ouro transacionado no mercado do ouro cresceu mais de 50%, aproximando-se de cinco toneladas. Compras foram observadas, mas não havia indicio de euforia.

Os preços do metal subiram 2,7%. O dólar paralelo conseguiu avançar mais 3,4%. No acumulado do mês, contudo, os dois ativos de alto risco estão emparelhados com a LFT, que assegura um rendimento real de 2,89%.

O entusiasmo está concentrado no mercado de ações, que atravessou 1989 com preços deprimidos frente à inflação. Conforme relata a editora Maria Christina Carvalho, as ações recuperaram terreno. Ontem, depois de cinco pregões de altas consecutivas, as bolsas de valores abriram realizando o lucro acu-

mulado, que superava 30% até segunda-feira. Absorvendo bem as vendas, o mercado paulista voltou a fechar em alta de 5,4%, tendência estimulada pela forte evolução de Parapanema, o carro-chefe do índice paulista. O Bovespa está garantindo um ganho real neste mês de 25,66%, enquanto a Bolsa do Rio banca valorização de 17,5%.

(Ver páginas 19 a 21)

O mercado voltou a refazer suas projeções de inflação para janeiro e fevereiro. A estimativa de índice para janeiro, que chegou a 67,12%, encerrou o pregão da Bolsa Mercantil e de Futuros, ontem, a 56,59%. Para o mês que vem, a perspectiva de Índice de Preços ao Consumidor (IPC) é de 63,26%, também distante dos 77,3% observados na semana passada. O declínio da expectativa de inflação para janeiro provocou impacto sobre o juro real da LFT, ontem, que subiu de 4,08% para 5,58%.

(Ver página 20)